

A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

REDACTORIO, 6, rue Saint-Petersbourg.
Agricultura

ANNO. 24 francos

SEMESTRE. 12 "

AVULSO. 1 "

No rate de Europa 11 francos por semestre 21 francos por anno.

2.º Anno. — Volume II. — Numero 5.

PARIS 5 DE MARÇO DE 1885

Director: MARIANO PINA

RIO DE JANEIRO

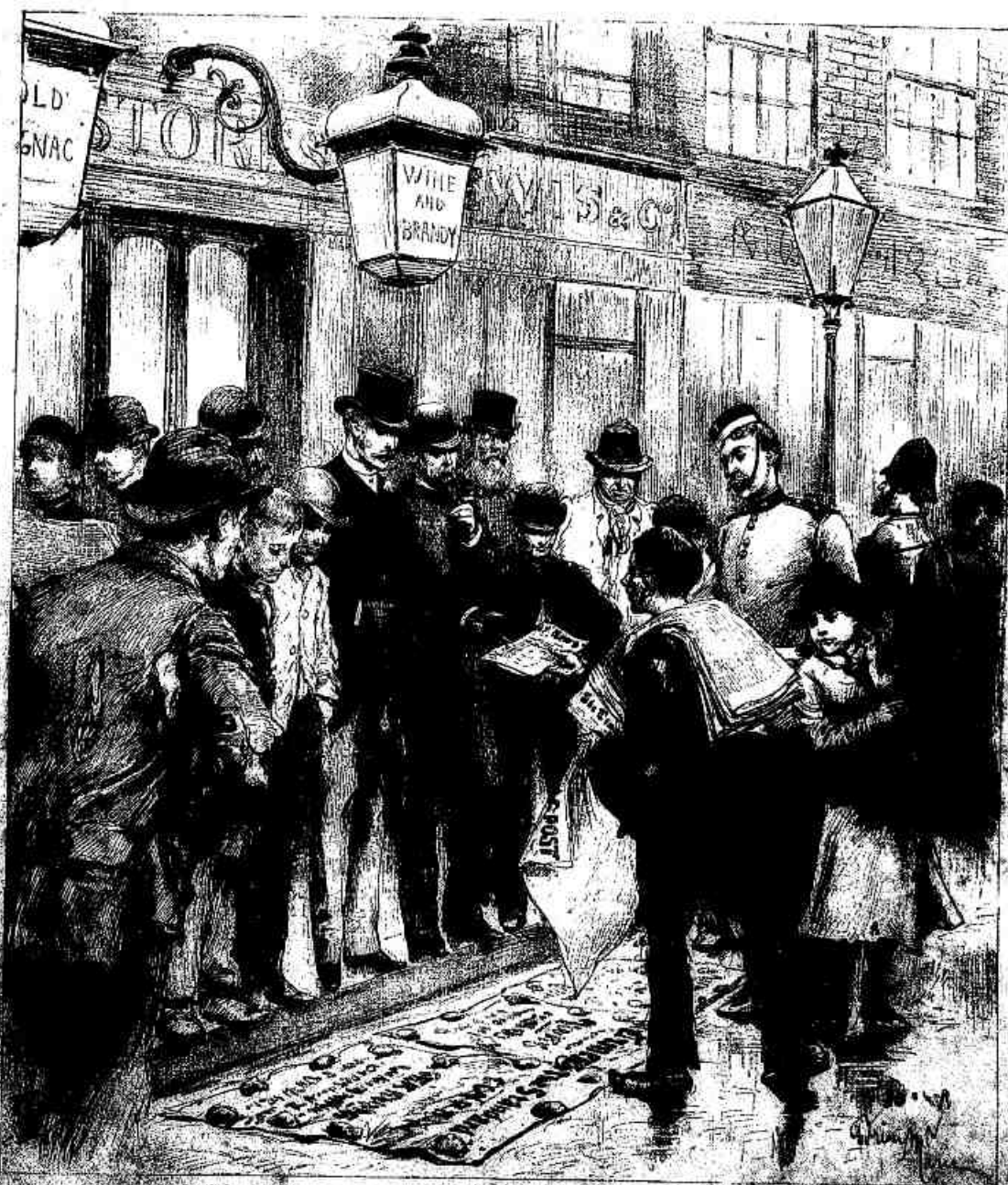
CARTELA DE NOTICIAS, 70, R. do Ouvidor.
Assinaturas

ANNO. 12.000

SEMESTRE. 6.000

ANNO. PROVISORIO. 14.000

AVULSO. 200



INGL. A. D. R. A. — As notícias do Egypto nas ruas de Londres. — A venda dos jornais. — Desenho original de Adrien Martin.

AS NOSSAS CAPAS

Tendo a grande maioria dos assignantes da *ILLUSTRAÇÃO* desejado saber se o nosso jornal tencionava mandar fazer capas especiais para a encadernação dos volumes, temos o maior prazer em lhes annunciar que no momento em que o presente numero for distribuido tanto em Portugal como no Brazil, já estard em poder dos nossos agentes principaes em Lisboa e Rio de Janeiro a primeira remessa de capas feitas expressamente em Paris para a nossa revista.

Assim como a impressão da *ILLUSTRAÇÃO* é confiada em Paris às officinas do Quai Voltaire onde se imprime o *Monde Illustré*, as capas que são o complemento d'uma edição de luxo como a nossa, não podiam deixar de ser também confiadas a uma officina de primeira ordem.

Para poder obter o que se faz de melhor, e de mais elegante, e de mais moderno n'este genero, dirigimo-nos ás afamadas officinas de encadernação da casa Engel de Paris, que pôz á nossa disposição os seus melhores modelos e as suas melhores machinas, e que expedia já hoje as primeiras remessas d'alguns milhares de exemplares para Lisboa e para o Rio de Janeiro.

As nossas capas são de magnifico CHAGRIN vermelho assetinado, com ornatos de puro estylo Renascença a preto e ouro fino, — capas d'uma grande novidade e elegancia, fugindo inteiramente aos velhos estylos religiosos e allegoricos, com que ainda hoje se costumam encadernar livros puramente modernos e mundanos — encadernações que tanto gostam dos assumptos tratados no respectivo volume.

Lembramos portanto a todos os nossos leitores que fazem collecção da *ILLUSTRAÇÃO* e que desejam possuir o volume completo, o volume tal qual elle deve ser, para se poder collocar na mais escolhida estante ou na sala a mais luxuosa — a necessidade de mandarem quanto antes os seus pedidos aos nossos agentes, pois que esgotadas as remessas seria enormemente dispendioso fazer nova encomenda em Paris.

Todos os pedidos destas capas — as únicas que são modelo definitivo para todos os volumes da *ILLUSTRAÇÃO* — serão dirigidos em Lisboa ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua da Atalaya, e no Rio de Janeiro á GAZETA DE NOTÍCIAS, 70, rua do Ouridor.

Preço no Rio de Janeiro. 3.000 REIS.
Nas provincias. 3.500 REIS.

(Comprehendido sello e registro.)



O SANTO ANTONIO

Mais adiante encontrando os nossos leitores o retrato e a biographia de Jules Vallès. Mas querendo dar-lhes uma ideia do escriptor que a França acaba de perder, lembramo-nos de arrancar uma paginha no seu curioso livro *l'Enfant*, livro que é uma verdadeira autobiographia, posto que o auctor se dissimule sob o nome de Jacques. É um capitulo allusivo ao dia da festa de seu pae, pois que em França se festeja com mais enthusiasmo o dia do santo, do que o dia dos annos.

N o sabbado que vem é a festa de meu pae.
Minha mãe em quinze dias já m'o disse sessenta vezes.

« É a festa — de — teu — pae. »
Repete-me isto n'um tom um pouco irritado; segundo parece não tenho ainda um ar de bastante surpresa.

« Tu pae chama-se Antonio. »
Sei-o, e não sinto nenhum calafrio; não ha n'isto nem o mysterio nem o espanto d'uma revelação. Chama-se Antonio, ora ahí está.

Sou sem duvida um mau filho.
Se tivesse coração, se omisse deveras meu pae, o que ella me diz deveria produzir-me mais effeito. Dou tractos aos miolos, dou murros sobre o peito, spalpo-me e coço-me; mas não me sinto nada mudado, reconheço-me ao espelho, sou o mesmo, feio e sujo. E comtudo a sua festa é no sabbado!

— « Já estudaste o teu discurso? »
Achem-me um tanto crescido para estudar um discurso; não sei como me hei de atrever a entrar no quarto, o que é preciso dizer, se é preciso rir, se é preciso chorar, se deva atirar-me ás barbas de meu pae e enterrar por ali dentro o meu nariz — bem limpo, sem duvida! — se será filial apoiar-me, demorar-me um instante, ou se será melhor largar-o de repente, afastar-me ás arrecuas, com signaes de commoção, murmurando: « Que lindo dia! » E n'este momento é que hei de começar.

« Sim, querido papá... »
Até já tremo. Tenho medo de ter um ar tólo...
— Não, tenho medo que se perceba que eu gostava muito mais que se não tratasse da sua festa...

A festa de meu pae!
Os meus suspiros augmentam quando minha mãe me diz que devo oferecer um vaso com flores.

Como isto ha de ser difficil!
Mas minha mãe sabe como se exprime a commoção e a alegria de ter de felicitar seu pae por se chamar Antonio!

E fazemos ensaios!
Primeiro que tudo dou cabo de trez folhas de papel para discursos; por mais que deite a lingua de fora, e que a volte e que a encolha ao fazer as letras maiusculas, borro os o, o, encho de tinta as caudas dos g, e faço sempre folice quando escrevo a palavra « Alegria. » Isto custa-me uma serie de puxões d'orelha. Ah! que me sae cura, a festa de meu pae!

Enfim, chego a obter entre filetes d'ouro coloridos de roxo e levados, por pompas, algumas phrases que tem o ar de ebrios, tanto as palavras differem d'atitude, por causa das pausas que fiz a cada syllaba para bem as enfiletrar!
Minha mãe resigna-se e decide que não está para se arruinar em mais cadernos de papel; assigno — ainda um borrão — ainda um sapapo. — Acabou-se!

Falta regular a cerimonia.
« O papel assim, o vaso de flores assim, tu avanças... »

Avanço e quebro dois vasos que figuram o futuro vaso de flores; — são quatro sopapos, dois por vaso.

Já é tempo que chegue o famoso dia: de noite sonho que ando descalço sobre brasas e que me emburilham entre rólges de papel para discursos.

A compra do vaso provoca uma grande desordem na praça do mercado. Minha mãe pega nos vasos e cheira-os como se fosse caça; desarruma bem um cento antes de se decidir, e os vendedores começam a zangar-se! — Dessarranjou as filas, alterou as classificações, misturou as familias; um botânico perdia-se na confusão!

Começam os insultos, as paluvras grosseiras para elle e para seu filho que não hesitam em chamar fuinha e aborto. É o momento de fugir.

Ao fim da praça minha mãe pára e diz-me: « Jacques, vae dizer ao gordo — aquelle que está lá no extremo, — se te quer dar o geranio por onzo soldos. »

É preciso que eu volte a este inferno, que me aproxime d'aquelle gordo; aquelle justamente que me chamou aborto.

Tenho arrepios. Mas não ha remedio senão ir; tenho o ar de quem procura um alfinete; marchoo com os olhos pregados no chão, as pernas apertadas, e offerço os meus onze soldos.

O gordo tem piedade, e dá-me o geranio sem se rir muito de mim. Os outros também não são muito cruéis, e vou ter com minha mãe levando comigo esta flôr que é o emblema da nossa slogria.

Accepte cette fleur...
Qui pousse dans mon cœur.

Sexta feira á noite.

Sexta feira á noite, ensaio geral, no mysterio e na sombra.

Meu pae — Antonio — mostra que não sabe de que se trata. Sabe tudo; hontem mesmo deitou por terra o geranio mal escondido, e vio que o levantava á surdina e o arrebicava com um gesto furtivo.

Estive quasi a pôr a mão sobre o discurso enrolado, engommado. Pois eu tinha-o escondido na mezinha da cabeceira.

Sabe tudo, mas finge, ingenuo como uma criança e bom como um patriarcha, ignorar tudo. É preciso que isto seja uma surpresa a valer. Chega a manhã do dia solemne. Elle está na cama!

« O quê! É a minha festa? »
Com um sorriso, voltando um olhar d'esposo para minha mãe:

« Já tão velho! Bem, deixem-me beijal-os! »
Beija minha mãe, que me segura pela mão como Cornelia conduzindo os Gracos; como Maria-Antonietta arrastando seu filho. Largame para cair nos braços de seu marido.

É chegada a minha vez; eu julgava que se dizia primeiro o discurso, e que só se dava o beijo depois do vaso de flores. Pelos modos beija-se antes.

Avanço.
Seguro o geranio de onze soldos, e o rôlo, o que me incommoda para receber.

Meu pae ajuda-me, acha-me pesado; levanto uma perna — escorrego. Meu pae agarra-me, é obrigado a segurar-me pelo braço das calças e dou uma reviravolta no ar.

Não é o meu rosto que elle tem digno dos olhos; eu mesmo não posso ver o meu. Que posição!

Depois sinto o geranio que se escorrega; escorrego; e toda a coisa cae por cima da cama.

Expulsam-me do quarto e ponte-ponte não posso gozar do prazer de beijar meu pae, nem de beijar por elle no dia da sua festa; mas também não tenho de fazer o discurso, o que me consolava!

JULES VALLÈS

BENTO MORENO

De seu verdadeiro nome TEIXEIRA DE QUEIROZ. É o brilhante romancista português da COMEDIA DO CAMPO e dos NOIVOS, o applaudido auctor do GRANDE HONKIN, uma espirituosa comedia de costumes politicos representada ha tempo no theatro de D. Maria de Lisboa.

BENTO MORENO prepara n'este momento o 4.º volume da sua COMEDIA DO CAMPO, todo formado de varios contos originaes. A ILUSTRAÇÃO a honra de ser a primeira a offerecer ao publico um capitulo inédito do novo volume do illustre romancista. Só temos que agradecer ao auctor o dom precioso, em nosso nome e em nome dos nossos leitores.

Portanto no proximo numero publicaremos um magnifico conto de BENTO MORENO, dedicado a VALENTINA DE LUCENA. Titulo:

NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO



AS NOTICIAS DO EGYPTO

Em Paris a noticia mais insignificante, o menor incidente, o mais pequeno escandalo, mesmo ás vezes escandalos que não existem, dão lugar aos mais insupportaveis pregões dos vendedores de jornaes. Nas estações dos omnibus e dos vapores, sobre as praças, nos boulevards particularmente, a noticia de sensação é gritada em tons diferentes pelas vozes as mais desafinadas, juntamente com o titulo do jornal que julga ser o primeiro a dar a grandiosidade. Em Lisboa tambem as cousas se passam do mesmo modo, não só para a venda dos jornaes da manhã, como tambem para a venda dos jornaes da tarde que apregoam a todos os ventos as noticias telegraphicas da Agencia Havai.

Mas as cousas passam-se d'outro modo em Londres onde o flegmatico inglez não gosta que lhe imponham tal ou tal folha para elle ler. O nosso brilhante collaborador Adrien Marie, que passou ha dias por Londres, ficou verdadeiramente impressionado com o aspecto das ruas onde se vendem os jornaes conservando exactamente a mesma physionomia dos outros dias, quando se annunciavam noticias tão terribes como a da tomada de Kartoum e a morte do general Gordon. Os jornaes são estendidos sobre a calçada e seguros por pedras, sem que o vendedor attrahia d'outro modo a attenção sobre os acontecimentos que n'elles vem descriptos. Os transeuntes aproximam-se, lançam a vista, sem mesmo se baixarem, sobre as folhas expostas, e só compram o que deveyas os pode interessar. A maior parte das vezes, satisfeito com o que pode ler n'um lugar, passa para outro e, sem abrir a bolsa e sem dizer uma palavra está ao corrente de tudo quanto se passa.

É uma d'estas vendas e d'estas leituras no ar livre que o lapis de Adrien Marie apanhou admiravelmente em flagrante, e que elle hoje offerece á ILUSTRAÇÃO como curiosa actualidade e especimen dos tipos das ruas da grande cidade ingleza.

O "ANTONIO MARIA"

Mais adiante encontrão os nossos leitores desenvoltado artigo sobre Raphael Pinheiro.

N'este lugar temos apenas a lembrar-lhes que tendo morrido o Antonio Maria os pareceu de vultu curioso reproduzir algumas das paginas celebres publicadas n'esta interessantissima revista que tanto successo obteve em Portugal, desde 1870, anno da sua fundação.

Para obtermos tão extraordinarias reduções que em nada alteram a composição das primitivas paginas, servimo-nos dos ultimos processos de photographia applicada á gravura. Com o auxilio d'uma lente pôde-se ver como a redução respeitou e conservou fielmente o mais insignificante traço.

Ao folhearmos a collecção do Antonio Maria veíamos a ideia d'uma redacção photographica. Nisto não vai ideia alguma politica. Apenas o desejo de prestarmos homenagem á memoria do illustre collega que desapareceu, e de pôr diante dos olhos dos nossos leitores uma curiosa variedade de gravuras executadas por um processo de que só a ILUSTRAÇÃO dispõe entre jornaes portuguezes.

GORDON

O heróico soldado inglez a quem a historia de um negro acaba de cortar a existencia romancou, Carlos Jorge Gordon, nasceu em Wolwich em 23 de janeiro de 1833. Em 1852 entrou na carreira militar com o grau de segundo tenente. Dois annos mais tarde foi promovido ao grau de primeiro tenente e, no mez de janeiro de 1855 chegava a Bulaklava com o corpo expedicionario anglo-francês na Criméa.

Gordon ficou ali até abril de 1856 e tomou uma parte activa no cerco de Sebastopol, sendo ferido nos entrancheiramentos. No fim da campanha foi condecorado pelo governo francez com a cruz da Legião d'Honra.

Depois da conclusão da paz, Gordon foi mandado como commissario inglez para proceder á delimitação da nova fronteira russo-turca primeiro na Bessarabia, mais tarde na Asia Menor.

Alguns annos depois Gordon tomava parte na expedição anglo-francesa a China, e mais tarde quando rebentou no Celeste Imperio a grande revolta dos Taipings, Gordon desempenhou um papel importantissimo que lhe valeu o nome de Chinês-Gordon (Gordon o Chinês).

Os rebeldes tinham já tomado e pillhado Nankim, Hangchow e Soochow, quando Gordon foi investido do commando em chefe das tropas chinezas encarregadas de reprimir a rebelião e concentradas nas cercanias de Sanghai. Gordon, depois de ter estudado a situação, comprehendeu que a chave da posição dos rebeldes era a cidade de Soochow e que era necessario desalojar os d'este lugar em vez de defender as entradas de Sanghai. Conforme a este plano, dirigio-se á frente de 3.000 homens sobre Tui-Tsin, tomou d'assalto esta praça defendida por 10.000 rebeldes, apoderou-se em seguida de Quing onde foi ligeiramente ferido, e afugentou da sua frente os rebeldes que se refugiaram na cidade de Soochow que elle acabou por fazer capitular. Finalmente, com os seus 3.000 homens Gordon alcançou a sua ultima victoria na China tomando a praça de Chan-Chufu, que tinha uma guarnição de 20.000 homens.

Estes 3.000 homens, eram homens quasi todos mercenarios, soldados desmoralizados pela guerra contra os aliados, miseraveis que não hesitavam diante d'uma traição. Mas tal era a confiança que Gordon tinha em si, que os commandou em trinta e trez combates, sem ter necessidade d'uma só vez tirar a sua espada da bainha.

Era com uma simples bengala que elle dava as suas ordens a este bando de refractarios que elle conduzia á victoria. Os chinezes, espantados, attribuiam á esta bengala um poder mysterioso. Chamavam-lhe uma vara magica. E os chefes dos Taipings, não menos maravilhosos, prohibiam aos seus homies de atirar sobre o heróico-inglez. Em menos de quinze mezes abafou a insurreicção. O imperador

da China, cheio de admiração e de reconhecimento quiz cobri-lo d'ouro. Gordon recusou. Voltou para Inglaterra trazendo apenas uma medalha d'ouro, uma espada d'honra e o titulo honorifico de mandarin. Pouco depois estes trophieus desapareceram. O que foi feito d'elles? Tinha-os vendido por algumas vitrolas esterlinas. Para ter em que occupar os momentos livres que lhe restavam da sua vida de militar, entreteve-se a fundar um hospicio d'orphãos. Isto custava caro. Os orphãos tinham-o obrigado a vender a sua medalha e a sua espada de honra que foi paga em Londres por boas libras. «Que me importa, respondia quando o censuravam por semelhante venda. Meu irmão deu-me um serviço de chá, de prata. Tenho pois com que pagar as despesas do meu enterro!»

Em 1863 ao serviço do governo inglez dirigio os trabalhos da defesa do Tamisa, e mais tarde foi nomeado vice-consul no Delta do Danubio. Emprehendeu em seguida uma expedição a Africa por conta do khedivá do Egypto, que o nomeou em 1874 governador geral do Sudán, com o titulo de Pachá, e, em 1877 governador de toda a Africa equatorial.

Durante a sua administração no Sudán, Gordon abulou a uma parte do provincia o commercio dos escravos, regulou as difficuldades que ha muito reinavam entre as numerosas tribus d'aquella região, reprimiu a rebelião do Darfur, pôz fim á guerra com a Abyssinia e, por todos os seus actos d'uma lealdade e d'uma imparcialidade verdadeiramente extraordinarias, pôde conquistar entre os indigenas d'uma grande popularidade.

Esta popularidade de Gordon assim como os conhecimentos locais que tinha adquirido durante os annos que estivera no Sudán, designaram-o á escolha do governo inglez quando, nos dias do anno de 1883, foi decidido pacificar o Sudán servindo-se das guarnições que occupavam muitos pontos da provincia.

Chegado a Kartum no dia 18 de fevereiro de 1884, o general Gordon não deixou mais esta cidade até ao dia da sua morte, e, durante cerca de onze mezes soube defende-la contra os ataques dos rebeldes que faziam cerco á praça desde o mez de março do anno findo.

Quando Gordon se viu em sérias difficuldades pediu novas forças ao governo inglez, mas este demorou-se mais tempo do que devia em se decidir a uma nova expedição, e quando o general Wolseley partiu para o Sudán já era tarde. As forças do Madhi, do famoso propheta pregando a guerra santa, tinham engrossado, e o exercito inglez em vez da victoria encontrou a derrota das portas de Kartum — e Gordon, o heroe, morreu estupidamente nas mãos d'um negro. É o retrato d'este homem extraordinario, d'este quasi visionario que só pensava no bem da humanidade que a ILUSTRAÇÃO hoje offerece aos seus leitores. O retrato do homem cujo nome tanto occupou a attenção da Europa, da America, da Africa e da Asia — e cuja morte todos deploram e todos sentem.

UM EGYPTOLOGO

DATA-SE de saber a quem podem pertencer estas ossas amarelletas, este craneo e este pé de mumie, que sabias preparações chemicas, ignoradas dos homens de hoje, arrancaram á aniquilação geral.

Mas os antigos egypcios não captaram com a indiscreta curiosidade dos terriveis sabios, que vão desenterrar os mortos esquecidos para lhes arrancar o segredo do somno eterno, e que não temem profanar um tumulo por dar mais um passo na sciencia.

Os dois investigadores que o nosso quadro representa estão completamente absorvidos no seu exame.

Um examina com a lente uma imagem da divindade encontrada no sarcophago violado, enquanto que o outro olha para os membros espinhais sobre a tumba.

Pobre princeza Ammon-Ra!

Pobre rei Radames... ou Samsar, ou Amen-tales, que estes cautos vos pertenciam!

Longe do paiz dos pharaes de Ra, os vossos





O GENERAL GORDON, morto em Kartum.



Foram tratados como simples fardos, e os restos catalogados em seguida sem o menor respeito. Um tumulto é sempre um tumulto, e por muito antigo que seja um morto ainda mais respeito nos deve merecer; mas a sciencia absolve o sacrilegio, e tal indigido, que estremeço só com a ideia de atravessar um quarto on de na véspera esteve um cadaver, collocar, sem a menor repulsa, a mais hedionda das mumias, como se fora um *bisbet* n'uma vitrine de bibliotheca.

E que o tempo mata a propria morte, despiando-a do seu mysterio e do seu horror.

Encantador quadro de Moreau figurou no ultimo Salon de Paris. As attitudes são perfectas e os detalhes delicadamente tratados. O artista tratou esta obra com verdadeira sciencia e gosto, e o resultado colloborador Ch. Baudé conservou na sua obra o encanto que o quadro possui e que lhe valeu tantos elogios da imprensa franceza.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Nas suas ultimas chronica o nosso director occupou-se largamente do *Antonio Maria*, o famoso jornal de Raphael Bordallo Pinheiro, cuja publicação o illustre artista suspendeu em resultado de certas dissensões que se levantaram em Lisboa entre os jornalistas da capital, no momento em que o governo prohibia a sahida d'um bando precatório para sollicitar esmolas para as victimas dos terremotos de Andaluzia.

Posta assim em evidencia diante dos nossos leitores a personalidade artistica de Raphael, lembrámonos que seria do nosso dever publicar o retrato d'um personagem que de novo occupava a attenção do publico. Simplesmente não quizeamos publicar uma simples gravura d'após uma photographia, mas uma pagina verdadeiramente artistica, digna do retratado. Para a realisação da nossa ideia podemos conciliar dois nomes eguaes, os nomes dos dois irmãos. Raphael Bordallo Pinheiro, o caricaturista, retratado por seu irmão Columbano Bordallo Pinheiro, o pintor originalissimo que ha um anno deixou Paris.

Como vêm a *Illustração* tem razao para se orgulhar duas vezes, — publicando o retrato d'um brilhante artista, assignado por um outro artista não menos brilhante nem menos original. E sentiuos verdadeiro orgulho ao incorporar o nome de Columbano na lista dos nossos colloboradores especiaes, proporcionando ao mesmo tempo a occasião de ver um seu trabalho primorosamente reproduzido por um dos primeiros *ateliers* de Paris em trabalhos de gravura chimica.

A biographia artistica de Raphael é d'aquellas que mais pertencem ao dominio do publico. O seu lapis tem feito rir uma geração inteira em Portugal e no Brazil, e raros são os artistas que mais tendo causticado os seus semelhantes — menos odios tenha conquistado. Tem tomado a que conta muito politico — mas raros são os politicos que theziqueiram mal meia hora depois da lucta.

Em Portugal o seu primeiro e grande successo veio-lhe da *Lanterna magica* onde elle tinha por companheiros litterarios Guerra Junqueiro e Guilherme d'Azevedo e Luiz d'Andrade. A *Lanterna magica* seguiu vida gloriosa e prospera, quando um dia, do Rio de Janeiro, offereceram a Bordallo Pinheiro a direcção artistica do *Mosquito*. Elle lá foi para o Rio; e depois do *Mosquito* fundou o *Be-souro*, jornal onde estão algumas das paginas mais notaveis que Raphael tem produzido, quer como conceptuador quer como execução — uma execução como nunca tiveram os leitores do *Antonio Maria*.

Depois do *Be-souro* voltou para Lisboa onde fundou com Guilherme d'Azevedo o jornal que elle agora se de suspender e onde colloborou bastante Raimundo Orsatti — quando Guilherme d'Azevedo veio para o Rio encarregado da correspondencia da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, lugar que Raimundo Pinheiro hoje occupa.

Bordallo Pinheiro está actualmente ligado a uma

grande empresa que se dispõe a explorar as fainças das Caldas da Rainha. Ultimamente veio a França e a Inglaterra e é Belgica em companhia de seu irmão Feliciano Bordallo Pinheiro para visitar as primeiras fabricas de porcelanas e de fainças e comprar os melhores machinos para fundar uma grande fabrica nas Caldas, e fazer com que esta louça que possui um caracter tão nacional, tão portuguez, pela excellencia do barro e pelo seu vidrado, deixe de ser uma louça simplesmente exotica e ornamental, e se transforme em todos os objectos não só de luxo e ornamentação, mas de primeira necessidade como serviços de mesa, azulejos e telha vidrada substituindo a melhor de Marselha. Já vêm que a empresa promette ser de grande futuro; que a ideia de Raphael é eminentemente patriótica; e que Portugal deve cumprir com o seu dever auxiliando a empresa e abolindo de suas cassas os moldes extrangeiros para possuir uma fainça nacional, como a possui a França e a Inglaterra. Vae n'isto uma questão d'amor proprio e brio patrio. É necessario coadjuvar e enthusiasmar este artista que depois de ter sido um dos primeiros caricaturistas do nosso tempo — talvez vi ser um moderno Palissy.

Os senhores querem saber alguma coisa da vida

sabem encher, como Julio Machado, o *raz-do-chão* d'um jornal, e escrever o tal *folhetim*, prazer do publico e regulo dos homens de letras. — Pois é verdade, Julio Machado é dos conversadores lisboetas que pode fazer concorrência a Raphael em assumptos de boa palestra, e todos quantos têm tido a fortuna de ouvir os dois n'uma meza cheia de convivas, á hora do café, hão de sentir ainda ecoar nos ouvidos as francas explosões das gargalhadas.

E Columbano Bordallo Pinheiro é uma natureza totalmente opposta á de seu irmão. É um melodramatico. Se em vez d'um pincel elle possuísse uma penna com certeza que havia de escrever dramas como o *Courrier de Lyon* e *Fuadès*. E ao lado do homem melodramatico, ha tambem um louco admirador de Molière, que, no seu tempo de Paris, raras vezes faltava ás recitas do *Odéon* para ver *Tartuffe* ou o *Malade imaginaire*. Columbano tem ás vezes o ar dos artistas fataes, dos incompreendidos, como se houvesse artistas pelo mundo que toda a gente comprehendesse á simples exposição do seu primeiro quadro, desde o critico até ao guarda-portão. Quando está sentado, o queixo apoiado á bengala, o chapéo carregado para a testa, e olhando por cima da luneta, lembra uma photographia celebre de Proudhon, menos os cabellos brancos.

A sua grande preocupação artistica é trabalhar em grande, figuras do tamanho natural atiradas para a tela sem um grande interesse dramatico que as ligue entre si — e que justifique a immensidade do quadro, quando elle trabalha admiravelmente em pequeno, nos quadrinhos de genero d'uma execução fina e escriptura onde pode fazer obras-primas. Mas justamente porque conhece aqui a sua força é que elle quer correr outros ventos, afrontar outras empresas. Este artista que adora Molière e Beaumarchais, por consequencia que adora o Rizo — a tinta mais clara e mais fresca e mais brilhante que um escriptor encontra no fundo do seu tintero — só gosta de molhar o seu pincel nas tintas melancholicas e sombrias que revelam uma certa tristeza d'alma. Faz a miúdo da pintura fatal, desoladora. Por inclinação? por natureza? Talvez mais por originalidade e por parti pris...

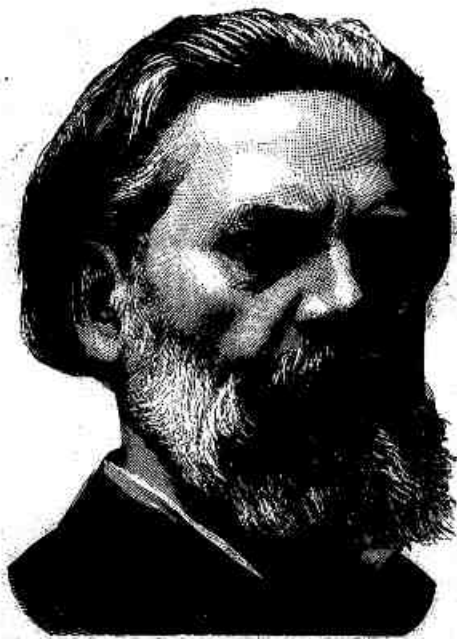
Mas vejamos como este retrato de Raphael é tratado, que bellezas que elle encerra, como ha cousas que só os artistas superiores sabem ver. É uma pagina que nós publicamos com verdadeiro prazer, e como poucas vezes se publicam iguaes nos jornaes de Paris. É mais uma obra que só podia saber do lapis do artista que difficilmente encontrará na sua carreira o critico que comprehenda o seu caracter e o seu espirito para os explicar ao publico, e espalhar nas suas telas a luz com que ellas ainda não foram illuminadas — para que o publico enfim as comprehenda!

Dos projectos jornalisticos de Raphael Bordallo pouco se sabe, pois que n'este momento elle espera a instalação completa da fabrica das Caldas da Rainha, onde irá trabalhar nos primeiros modelos para fainças. Mas pelas cartas que escreve aos amigos que estão longe e aos quaes confia as suas expansões, pode-se prever que dentro em breve elle volte de novo para a lucta.

JULES VALLES

Dos jornalistas francezes contemporaneos era Jules Vallès um dos que mais ruido fizeram em volta do seu nome, já pelas suas brilhantes qualidades de escriptor, já pelos grandes acontecimentos politicos a que o seu nome andou ligado, fazendo parte da Comuna de Paris em 1871.

Jules Vallès nasceu em 1831 de pais bem pobres, naturaes do Auvérghne, este país de França que manda para Paris os homens de trabalho ordinario, como a Gallia mandando os seus fillos para Lisboa. A sua infancia foi das mais tristes, e mais triste ainda a sua mocidade — porque passou dias de ver-



JULES VALLES

particular de Raphael?... Pois fiquem sabendo que Raphael na intimidade é o opposto do feroz caricaturista politico que nós todos conhecemos. É o companheiro mais alegre e o amigo mais dedicado que é permitido a alguém encontrar sobre a terra. Colloquem-n'o n'uma sala de café ou de restaurante tendo em torno de si quinze ou vinte companheiros e verão, verão como elle só apenas com o brilho da sua palavra nos faz esquecer o tempo; e a conversa que começou á meia noite só termina ás seis horas da manhã, quando as luzes se apagam. N'este genero só tem um competidor em Julio Cesar Machado, o principe dos folhetinistas portuguezes, aquelle que soube fazer folhetins e tornar digno e respeitavel o folhetim n'uma epocha em que ninguém cultivava o genero, e em que o folhetinista era um ser que os paes ferozes olhavam com tedio e suspiro. Hoje toda a gente faz folhetins — sem dar por isso! — como Monsieur Jourdain de Molière fazia prosa. Mas quando se lêem attentamente algumas paginas de Julio Machado, o folhetinista do *Diário de Notícias* de Lisboa e do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, percebe-se que toda a gente pode fazer prosa, como Monsieur Jourdain, mas que raros

dadem fome n'este bairro latino de Paris, ^{que} era
então não só o bairro dos estudantes, mas também
dos artistas e dos escritores. É verdade. Passou
fome, como também ^{passaram} fome Zola, Daudet
e François Copée.

Quando um dia Jales Valles pôde chegar ao *Figaro* e publicar no *Figaro* a sua primeira chronica, o Paris litterario e artistico e mundial ficou deveras surprehendido com o apperçoito d'este novo talento tão original e tão extraordinario, que deixava adivinhar um escriptor de raça. Valles, na sua serie de chronicas para o *Figaro* dispôs-se a descrever a vida de todos quantos soffrem, dos pobres, das humilhadas e das esfaqueadas, e isto d'um nova linguagem tão colonizada, tão exacta e tão justa, que chegava a causar calafrios. O successo foi grande e o escriptor fez-se logo uma brilhante posição. Villemessant, o fundador do *Figaro* que N'este tempo possuia o *Evenement*, offereceu-lhe 30.000 francos por anno (5.400.000 reis fortes!) para redigir este jornal. N'este tempo em Paris, era somma causava asombro. Hoje Rochefort faz no *Transigirant* mais de 36 contos de reis. E um vulgar repórter parisiense, sem responsabilidade litteraria nem pessoal, não se julga contente enquanto não começa a ganhar por dia de 180.000 reis por mez. O movimento da imprensa franceza em ordenados a collaboradores é de milhões — por mez).

Mas Jules Vallès pensou mais em ser um escritor político do que em ser um simples escritor, e, desta apólideza rãea e brilhante de saber pintar os desgraçados e humildes, como Zola sabe pintar os operários, fez Vallès uma arma ténivel contra o Império e contra a burguezia. E tão dominado foi pela política que a vemos em 1871, à frente da Communa, depois do cerco de Paris pelos alieados, em cima das barricadas, fazendo-se como um allucinado. Vendida a Communa, Vallès foi condemnado à morte, mas ponde fugir para o estrangeiro, demorando-se principalmente em Londres, e só entrou em Paris depois de ter sido vocada a amnistia, quando em Paris entraram os homens da Communa, que, como Rochefort, tinham sido deportados para a Nova Caledonia.

Apesar dos seus artigos mais notáveis andarem espalhados pelos jornais parisienses, de Jules Vallès ficam alguns volumes que são verdadeiras obras-primas de litteratura, taes como *L'enfant*, *Misérables*, *Les Refrétaires*, *Jacques Vingtras*, *le Bachelier*.

Ultimamente Jules Valtes tinha fundado um jornal *Cri du Peuple* que obteve um ruídooso sucesso pelo modo inerte e violento com atacava os homens que estão à frente da República. O jornal provocou mesmo varias manifestações, meetings, escandalos e desordens. Emu noivais os antigos de Valtes, pelo vigor com que eram escriptos e pelo brilhantismo do seu esylo. Hoje esse jornal perdeu toda a sua importancia por que ja nã se escreve o homem que o tinha imposto à multidão.

0 BOULEVARD DOS ITALIANOS

Todos os conhecem de nome, todos tem ouvido falar neste pedaço da Europa que o mundo inteiro desejaria pisar ao menos uma vez na vida, todos phantasiam coisas extraordinárias d'este boulevard que é o coração mesmo de Paris — mas poucos o tem frequentado e raros o tem visto, raros tem tido a felicidade de ao menos poder olhar para uma gravura onde elle seja representado e onde se sinta palpitar esta vida immensa de Paris.

E pensamos que seria um prazer para os nossos leitores mostrar-lhes este famoso sítio, desenhado e gravado por um artista originalíssimo como Lepère, que dá aos homens e às coisas esta impressão de movimento e de vida que é o segredo dos artistas de génio.

Edo é um lado do boulevard dos Italianos, d'esto famoso e cantado boulevard dos Italianos. A direita, formando a esquina da rue Leleier vê-se o grande edifício da companhia New-York, de seguros contra a vida, sobre cujos telhados domina uma torre elegante onde quatro quadrantes mostram de dia e de noite a hora aos parisienses. E nas lojas d'esta pre-

dia, que se acha estabelecido o apogeu da Café-Riche,
 o celebrado café de todos os românticos parisienses,
 lugar de reunião das primeiras notabilidades litera-
 rias, artísticas e mundanas; mas que perde d'im-
 portância no dia em que se abrem a Avenida da
 Ópera, e que o Café du Pair se trasladou ao cen-
 tro de todos quantos em Paris sabem viver e sabem
 gozar.

« Éste o sítio do boulevard dos Italianos: onde a concupiscência é sempre maior; e não tem de exagerado o movimento que se adivinha na nossa gravura. O boulevard dos Italianos é o sítio de Paris onde a circulação é maior as 5 horas da tarde — quando todos passeiam, quando todos vão tomar o absintho ou o vermouth, quando se voltou do passeio ao bosque de Holandia e aos Campos Elísios, quando se fecham as grandes casas bancárias e se fecha a Bolsa.

A nossa gravata estamos certos que não fará perder as ilusões dos que ambicionam vir um dia a Paris. E a prova é que todos quantos tem tido a felicidade de visitar a grande cidade, ao verem hoje na ilustração e desenhos do boulevard dos Italianos há de sentir o desejo terminal de fazer as malas, e de partir para as margens do Sena. Pois que venham quanto antes, que Paris, aos primeiros indícios da primavera, começa a estar delicioso!

MAMAN NUNU

recordações da mocidade^

Mas essas não eram suficientemente ricas para terem uma criada. Com certeza que não, — pobres crentinhos! — e ainda mesmo me lembro que as sobrecasacas de meu pai duravam-lhe muito tempo, e que muitas vezes a mãe se via obrigada a lavar a roupa. Logo de manhã cedo, o pobre homem lá ia para o seu ministério, levando na algibeira um bocado de pão atulhado de cousas de salchicharia para o almoço; e as minhas duas irmãs — que estudavam piano — partiam para o seu atelier, e enquanto que a mãe nova, a que devia morrer aos vinte e trez annos e a quem chamávamos então « a Maria gorda », acabava os arranjos da casa, minha pobre mãe sentava-se á banca, próximo da janella, e começava a copiar folhas das estandas ou das serrallhas para os empreiteiros da vizinhança. Ora eu era então um importante personagem de seis annos d'idade, ordinariamente designado pelo alcunha de « Cicis », um rapazinho doente, embrutido num capote de pano escuro, de quadrados brancos e encarnados, obra-prima da industria maternal, e de que eu me orgulhava immenso. Minha irmã Maria, posto que já fosse muito velh á casa, só me excedia de tres annos, e crentões de sua idade precisavam de exercicio e de muito ar.

Pela volta do meio dia, a Bamu, uma pobre velha do bairro, vinha buscar-aos para nos levar a passeio. Almoçava a um canto da meza e a mamã dava-lhe dez soldos. Com este pequeno recurso, com os socorros da repartição de beneficencia e algumas outras esmolas talvez, achava ainda meio de viver; e os seus humil- des, muito humil- des pais, que, por prodigios de economia, conservavam na pobreza um ar de decente burguezia, deviam-lhe produzi- o effeito de poderosos capitalistas.

Muito apanhada em ancos, com um farrinet d'axo do campo d'uma brancura desalibrante, uma sua cinzenta semente de flores e um chale verde sempre preso por quatro filinotes, «mamá Nana», como nós lhe chamávamos, tinha um rosto de traços regulares, enrugado como

uma miríade conservas, onde alguns cabellitos
brancos frisavam em volta d'uma bouca desden-
hada. Era d'un acido escarpuloso, conservava
os meus pollos do povo d'outora, e tendo
tali uma numerosa familia, sabi as nil mura-
villus guardu eriancias.

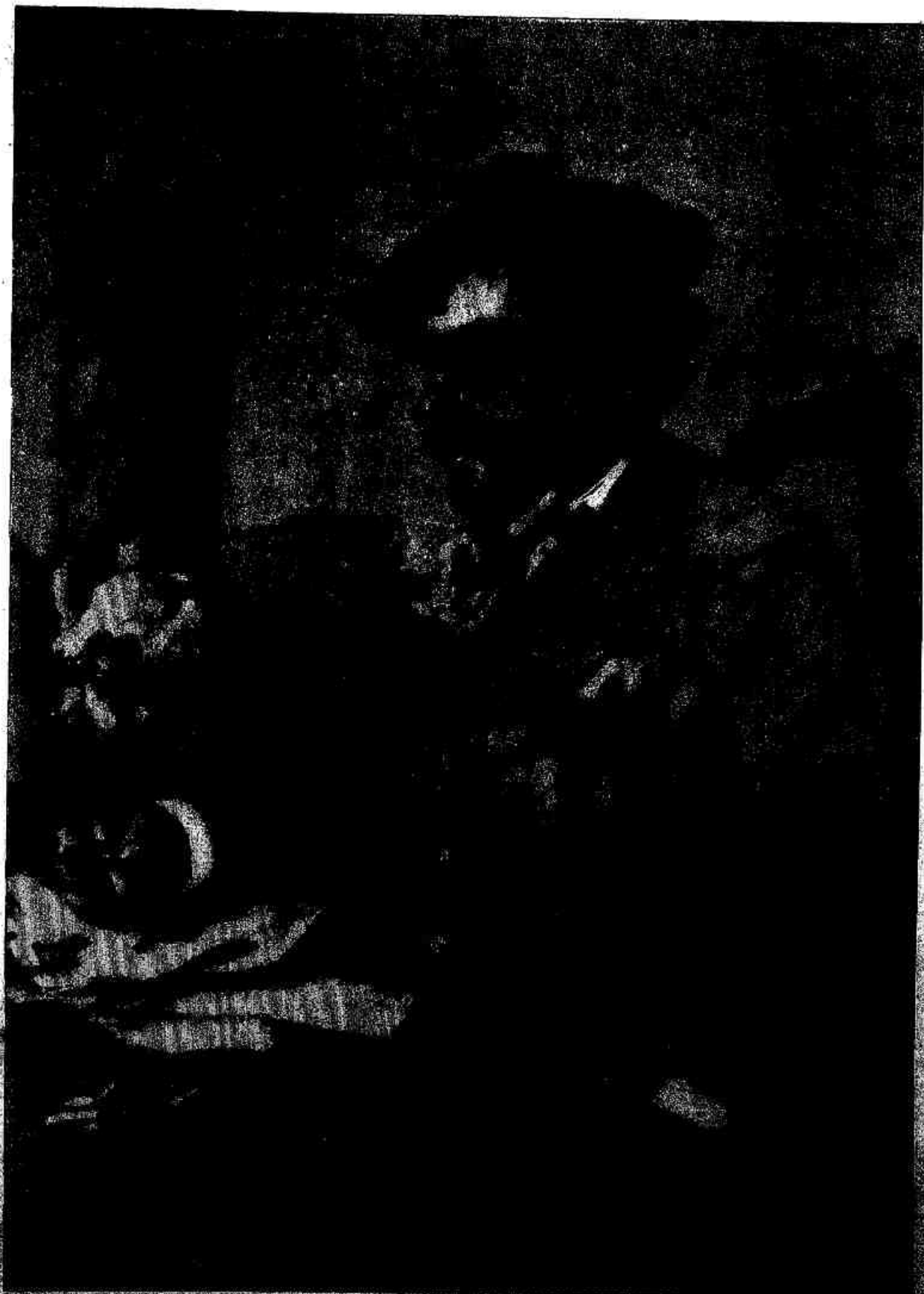
Maria! Nunca conduzi-las por tanto, a mim! Inimiga Maria e a mim, pelos venenos de- sentos que inamam em volta dos Inválidos. Eu habito hoje d'esta hab; volui para ali, arras- tado por um irresistível atractivo; porque o Parthenon e mais fiel do que muitos não julgam as suas reconhecidas d'indignidade e guarda um sentimento delicado pelo seu bairro natal. Havia n'aquella epoua, por estes longos boulevards, magníficos olmeiros que foram depois cortados durante o cerco, velhos bancos de madeira carunhesca, fustos chusos d'herva, e candieiros de foras danado do Paris revolucionário, camilheiros próprios para enfiar o aristocrata. Era um lugar melancolico, quasi agreste, muito solitário. So scencontavam raras inválidos, — e de amigo molhado, — com o casaco azul de bicos voltados e o grande tricórnio com penacho, que se tanzia em combate, ou velhus que viviam da caridade dos palacetes e dos conventos do faubourg Saint-Germain, muito proximo, e que, durante o dia, se aquedam ao sol sentadas pejos bancos. A Berna servava-se junto d'ellas para passear o seu bocado, e eu e Maria accor- vamo-nos aos pés d'ello e brincavamos com a areia.

Mas, rapazito como esse, tinha já imaginação, e as histórias que a Bernu contava ás suas pobres companheiras interessavam-nhe poderosamente. Ouvia com respeito por causa da sua muita idade, fallava-lhes quasi sempre d'uma pessoa que fazia honra á sua familia, de seu filho, o único entre q'us lhe restava, — porque os filhos tinham sido mortos durante as guerras do Imperio, — de seu filho que era a porteira d'um palacete do faubourg Saint-Honoré, onde o seu marido era cocheiro, e que, por um acaso ironico, se chamava Madame Napoleón. Este nome de Madame Napoleón que apparecia constantemente nos discursos da Bernu, exercia em mim uma sorte de fascinação, e só podia phantasiar a porteira do faubourg Saint-Honoré de cor de cabeça e armistando o manto imperial. Um dia, mamã Numu levou-mos á casa de sua filha: era uma mulher gorda, já velha, que nos offereceu excellentes uvas passadas. Mas o meu cerebro de creança não quiz admitir semelhante realidade, e, mesmo depois d'esta visita, quando pronunciavam o nome de Madame Napoleón a meu pensamento evocava a imagem d'uma vaidosa imperatriz.

Como todas as pessoas de muita idade, a Bermu, nos seus colloquios do boulevard dos Invalides, ia sempre até ás mais longanquas recordações. Tinha jantado na rua, a uma mesa construída em frente da casa, no dia da Renascença; tinha visto passar Marie-Antoinette na carruagem, « em camisola branca »; descrevia seu filho mais velho, o grande-almirante da guerra imperial, com o seu grande bonnette ás alturas polainas pretas, e contava, escutando-o, dramas confusos e vagos esplendores de de que ella se lembrava melhor, era das festas publicas em que o povo tem sempre a seu alcance o festim do Imperador e as distribuições de dinheiro, e do nascimento do rei, quando a multidão, com os seus chorros a multidão. Que o povo não esquece, esse curso a historia contemporânea, esse a uma pobre

Um dia, em 1992, meu filho e sua filha foram a uma das suas velhas amigas e convidado-a, com o seu

UM EGYPTOLOGO. — Quadro de Moran. — Gravura de Bado



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO. — Desenho original de Colombano Bordallo Pinheiro

bem entendido, a uma miserável casa da rua Rousselet. Entrámos n'um quarto frio, mal iluminado, onde havia um leito de campunex e algumas cadeiras de palha. Mas sobre uma velha commoda, uma capellinha de gesso, cujas janelas eram guardadas com vidros de cores, maravilhou a minha attenção infantil. Mamã Nunu explicou a origem d'este singular objecto á sua amiga. Sob o antigo regimen, no dia da festa do Corpo de Deus as crianças do povo, como ainda o fazem hoje, armavam capellinhas ás portas das casas; mas não tinham necessidade d'importunar os que passavam para lhes arrancar alguns soldos; porque n'aquelle tempo, as pessoas de distincção faziam parar as suas carruagens diante da capellinha, desciam, ajoelhavam-se um instante e deixavam uma largoa esmolla. Foi assim que a Bernu, então muito novita, tinha visto descer da sua carruagem e rezar diante d'esta capella de gesso um velho senhor « muito paramentado » que, acabada a sua oração, lhe tinha sorrido e lhe tinha dado um luiz d'ouro, a unico talvez em que ella tocou em toda a sua vida; e este senhor não era mais nem menos do que o marechal de Richelieu em pessoa, então extremamente idoso e que tinha cahido na devoção. A Bernu que se orgulhava de ter sido bonita, tivera o ultimo sorriso de Fronsac!

Assim eu passava as minhas tardes a ouvir as boas historias de mamã Nunu; depois ao cair do dia voltávamos para a rua Vannecq, onde morava minha familia, e subiamos cinco andares. As irmãs mais velhas estavam de volta, e, rindo com o seu bello riso de raparigas, ajudavam minha mãe a pôr a meza. Depois o pae voltava da sua repartição, fatigado, curvado, pobre homem d'espírito e de phantasia que se consumia sobre papelladas! Mas quando tinha beijado todo o seu mundo, o seu rosto, o seu ingenho e fino rosto sem barba, sob uma camada de cabellos grisalhos, de prata, illuminava-se d'um sorriso feliz. Tirava a sua sobrecasaca, — esta sobrecasaca que durava tanto tempo! — dizia: « Uf! eu enfiando a sua robe de chambre; e, como a terrina fumava já sobre a meza e a Bernu a olhava com o canto do olho, fazendo semblante de se ir embora, elle dizia-lhe alegremente, com a sua generosidade de pobre e a sua boa graça de gentilhomem:

« Sente-se lá, mamã Nunu... e jante connosco! »

FRANÇOIS COPPÉE.

ROMANTICISMO

Crepusculo saudoso, vago e triste!
— Os melros joyaes, nas oliveiras,
Enviavam a tudo quanto existe
As suas cançõetas derradeiras.

Foi n'essa hora solemne que me viste!
— Abraçavam-se ao muro as trepadeiras,
N'uma tristessa, a que se não resiste,
Sobre os poços, choravam as figueiras.

No teu negro vestido, airoso e largo,
Errava o meu olhar, profundo e amargo,
Que nunca, nunca, se enublou de inveja...

E cingia o teu vulto, manso e puro,
Como d'noite, — vidente do futuro —
Roga o moço nas lampadas da igreja...

Porto, 1884.

JOAQUIM DE ARAÚJO.



OS MICROBIOS BENEFICOS

Is duas palavras que não soam bem uma no pé da outra; então o microbio deixa de ser o organismo odioso e malfeizo que dizima a nossa pobre humanidade pela tuberculose e pela febre typhoide, que destroa o nosso gado pelo carnhunculo, que mata os nossos cavallos pelo mormo e os nossos cães pela hydrophobia?

Sabemos com effeito que n'este mundo minusculo certos individuos consentem em permanecer indifferentes a nosso respeito, em procurar a sua alimentação fóra do homem e dos animaes domesticos. Mas, apesar da existencia d'estes seres menos barbaros, ligámos sempre á qualidade de microbio, quer se chame virgula, quer bacillo, a noção de um inimigo que havemos por força de esmagar se não quizermos ser destruidos por elle.

Portanto, foi grande a surpresa quando, feito um estudo profundo de todo este microcosmos, alguém nos mostrou a sociedade microbiana alliada e collaboradora. A par dos inimigos implacaveis, a par dos indifferentes, descobrimos amigos dedicados cujo fim é serem-nos uteis. É verdade que ha pessoas de bem em toda a parte, como diz o proverbio; mas, para dizer a verdade, estavamos admirados de reconhecer tanta delicadeza em uma sociedade que até ali consideravamos como uma agglomeração de piratas. E contudo esses amigos ahi estavam, deante de nós; não tínhamos remedio senão admitil-os.

É a reabilitação do microbio, que estavamos longe de esperar: e ainda assim, em breve foi insufficiente a reabilitação. Affirmou-se que se os microbios não existissem, era necessario invental-os; se não andassemos constantemente acompanhados por esta multidão de servos que trabalham para a maior gloria da nossa digestão, não poderíamos utilizar alimento algum e morreríamos de fome. Aqui está uma creança que acaba de nascer: ponham-na fóra do contacto dos microbios; a creança não se desenvolverá, não crescerá; em pouco tempo estará morta.

Tínhamos o microbio malfeizo; tínhamos o microbio indifferente; tínhamos o microbio benéfico; temos, a seu turno, o microbio necessario. A moral dos seres minusculos encontra, como a nossa, seres maus e seres bons. Feitos as apresentações examinemos as cartas de naturalisação dos que nos são dedicados.

Ha muito que no tubo digestivo foram encontrados os ovos microscopicos e que estos foram considerados como auxiliares para a transformação dos nossos alimentos. Em 1843, Gruby e Delefond publicavam os seus trabalhos sobre os animalculos que se desenvolvem em grande escala no estomago e intestinos durante a digestão dos herbívoros e dos carnívoros. Mas é sobretudo em 1878, na these de M. Ch. Richet, que a questão da influencia dos fermentos figurados sobre a digestão foi verdadeiramente exposta. Desde esta epocha, oses todos tão numerosos feitos sobre o desenvolvimento e as manifestações vitaes dos infinitamente pequenos mostraram que em muitas experiencias os resultados podem ser perturbados, mesmo invertidos pela sua intervenção sem que o experimentador dê por isso.

Como poderemos separar nos actos da digestão, o que pertence aos fermentos solúveis e o que pertence aos fermentos figurados?

Possuímos muitos meios de destruição de tornar insensível a influencia d'estes ultimos, e, por con-

seguinte, de estabelecer os serviços que nos prestam os seres microscopicos. Como são elementos vivos, podemos destruil-os por um excesso de temperatura, pelo oxigenio comprimido, pelo acido fenico, pelos antisepticos, etc.; e de suspender a sua acção pela presença do ether, do chloroformio e dos diversos anesthetics, pela intervenção das altas pressões, etc. Ora, todas as vezes que se estuda a digestão gástrica, por exemplo, reconhece-se que a transformação das materias albuminoides é retardada se eliminamos os fermentos figurados, os microbios. É muito provavel hoje, pelo menos para o succo gastrico, que o auxilio dos infinitamente pequenos é realmente effizaz: as experiencias de M. Duclaux, de M. Ch. Richet, de M. Bourquelot, as investigações ainda não publicadas de M. Dastre, de M. Regnard, não deixam subsistir duvidas sobre este ponto.

Ha pois microbios benéficos capazes de nos serem uteis; em que condições nos prestamos seus serviços? Não sabemos exactamente. É provavel que, os que vivem no nosso estomago fabriquem peptina como as nossas proprias cellulas, e que a sua acção venha assintuntar-se á das glandulas estomacales. Contudo, se a intervenção d'estes fermentos figurados está approximadamente demonstrada no que diz respeito ao succo gastrico, é muito menos evidente no que respeito á saliva, ao succo pancreatico, ao succo intestinal, etc.

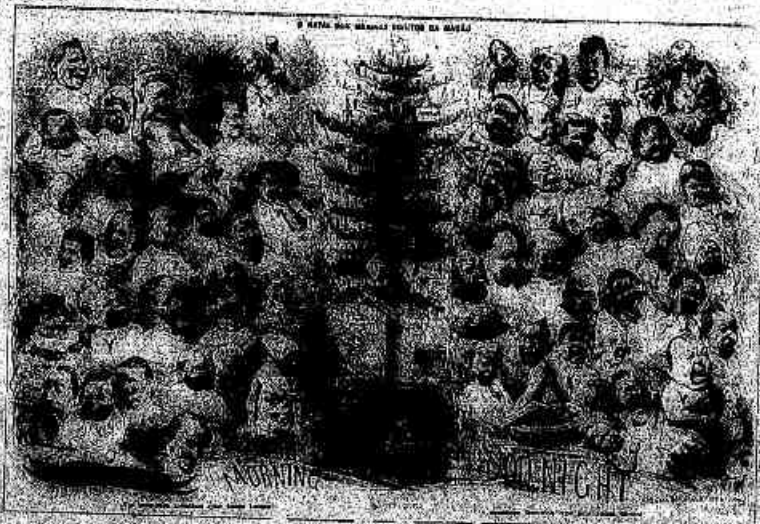
Reconheceu-se com effeito a presençã de micro-organismos em todos os liquidos, mas não se pode determinar até que ponto tem influencia sobre a transformação dos alimentos. M. Ch. Richet tinha notado que certas salivas tem a propriedade de transformar a saccharose em glicose, no passo que outras salivas carecem absolutamente d'esta propriedade; e M. Bourquelot, recentemente, attribuiu esta differença á presença de microbios que fabricam invertina.

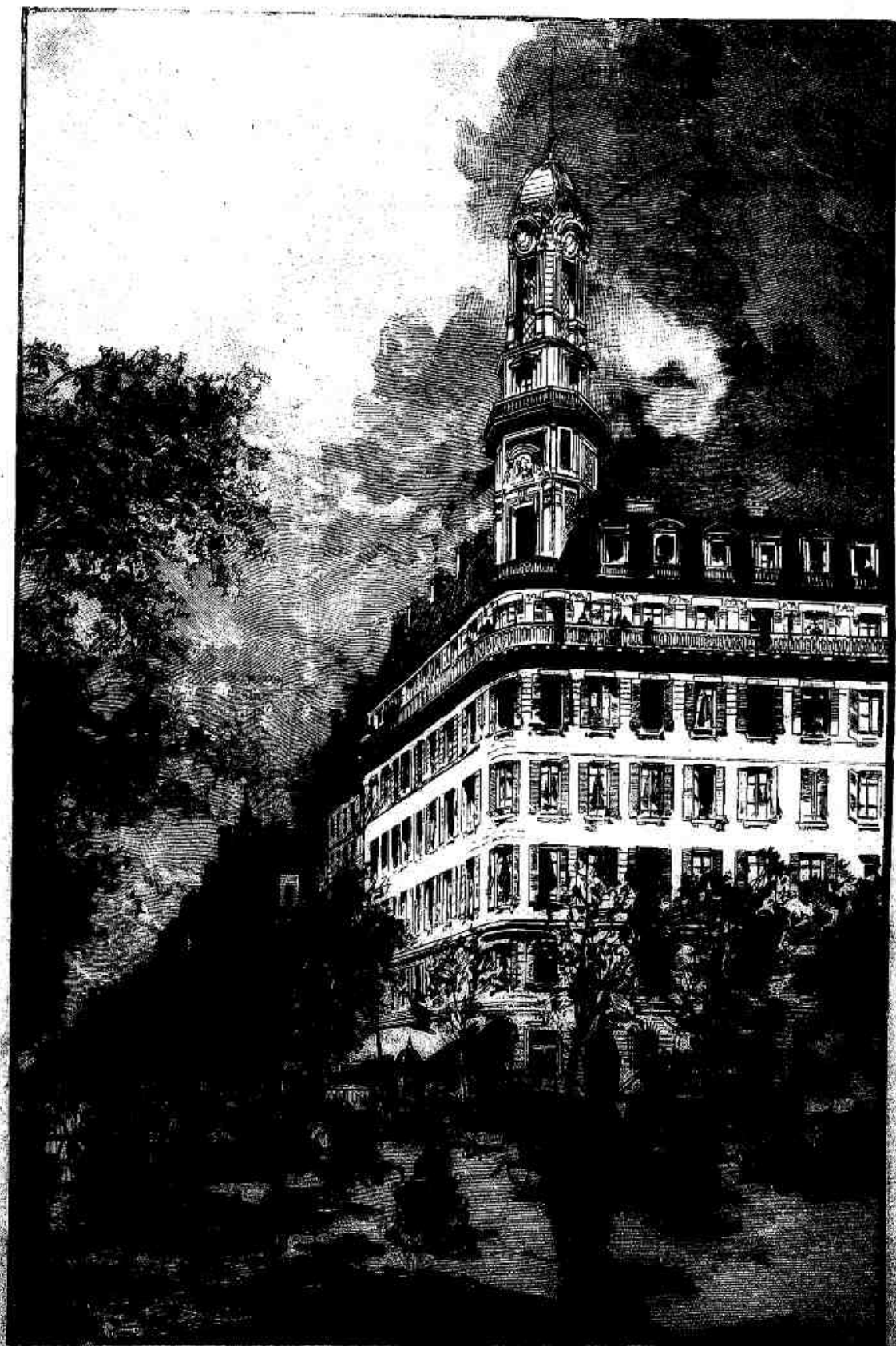
Eis enfim o microbio necessario: este nasceu verdadeiramente hontem. M. Duclaux, que o apresentou, mostrou em primeiro lugar que este ser minusculo é indispensavel ás plantas. Se, n'um solo rico em materias organicas mas estéril de microbios, semearmos a ervilha ou o feijão, a semente d'estes não poderá utilizar o adubo de que dispõe. Se humedecermos com leite um solo estéril e impedirmos o acesso dos seres microscopicos; o leite não será utilizado nem modificado. Se em lugar do leite empregarmos uma solução de assucar candi ou amido, o resultado será ainda o mesmo: o assucar e o amido não serão absorvidos nem transformados.

Esta experiencia é sem duvida muito engenhosa e demonstrativa: mostra perfeitamente que a semente da ervilha ou do feijão não projeta fóra de si nenhum dos fermentos solúveis procurados. É pois de uma necessidade absoluta que os microbios intervenham para tornarem o leite, o assucar candi e o amido absorvíveis e assimiláveis pelas sementes com que se experimenta. Os microbios são evidentemente necessarios n'este caso particular. Mas, em realidade, só são necessarios, quando se offerece á semente materias muito compostas, alimentos de luxo.

O leite, o assucar candi, o amido não são os alimentos das plantas verdes. A alimentação d'estes vegetaes é muito mais frugal: não se nutrem de substancias tão complexas, utilizam pelo contrario os elementos mais simples de modo a formar por synthese productos mais elevados: aproveitam as substancias desagregadas pelos animaes ou por certos microbios vivem de agua, de acido carbonico, de ammoniaco e dos seus mais simples. O leite, o assucar candi e o amido são alimentos de que as plantas se não julgam dignas. Utilizam-nos para outras, muito felizes ellas mesmas quando os restos lhes são abandonados. Com effeito, para mudar a alimentação d'estes vegetaes, para se lhes offerecer alimentos mais complexos, é necessario que estes sejam destruidos antes de serem absorvidos.

Ora esta destruição que M. Duclaux considera





PARIS PITTORESCO. — Uma vista do boulevard dos Italianos

como ligada com a presença dos microbios está igualmente ligada com a existência de todos os seres vivos dos animais em particular. O que um microbio faz para a alimentação do feijão ou da ervilha, o homem e o elefante são igualmente capazes de fazer, desde não constantemente.

Assim, a intervenção dos microbios não parece ser absolutamente indispensável para o desenvolvimento dos seres vivos, pode ser substituída pela intervenção dos outros seres vivos. Vejamos agora se o auxílio dos fermentos figurados é necessário para os animais. Como propõe M. Pasteur, se nutrisse desde o seu nascimento um animal com matérias nutritivas puras, isto é, artificialmente e completamente privadas de microbios communs, a vida seria possível ou não? É indubitavelmente temerário responder a esta questão antes do estabelecimento da experiência, essa precisa.

Contudo, o que sabemos em physiologia leva-nos a crer que, conquanto útil a influencia dos fermentos figurados está apesar de tudo longe de ser indispensável.

A experiência tão interessante de M. Duclaux não daria provavelmente o mesmo resultado se fosse repetida com um animal novo. Se a planta não expulsa os fermentos solúveis que poderiam permitir-lhe tornar assimiláveis os alimentos compostos, o animal, pelo contrario, possui órgãos especiais que misturam com os materiais introduzidos no canal alimentar líquidos destinados a transformá-los e a fazê-los utilisar. Se é um vertebrado, tem a partir da sua vida embryonaria, um certo numero de succos digestivos capazes de ajudar a sua nutrição.

O verdadeiro problema a resolver consiste pois em saber se estes líquidos digestivos tem uma actividade propria independente da que lhe é communiada pelos microbios que contem. Ora nós sabemos que de muitos modos se pode eliminar a influencia dos fermentos figurados: em todos os casos, observou-se sempre que, se os succos digestivos tendo diminuído de intensidade depois d'esta separação, tinham apesar d'isso conservado uma grande parte de sua actividade. Por outro lado, a acção tão rapida do succo pancreático sobre as materias amyaceas faz suppor que não se precisa a seres vivos cuja intervenção leva sempre algum tempo a manifestar-se. Enfim a presença dos fermentos solúveis nas cellulas glandulares, as relações que existem entre a sua secreção e o estado do systema nervoso e da circulação, dão já bem a conhecer o modo de fabricação da pepsina, da pancreatina, da ptyalina, etc.

Depois de ter produzido uma tão formidável revolução no dominio da pathologia, acabará as theorias de M. Pasteur por transformar a propria physiologia?

Ha de certo muitos pontos obscuros no estudo da digestão; os trabalhos de Schiff mostram-nos a nossa ignorancia sobre muitas questões relativas a origem dos fermentos solúveis. Os trabalhos que hão de ser emprehendidos sob a inspiração de M. Pasteur dar-nos-ão talvez a explicação de muitos factos até aqui incompreensíveis. E por isso, que se por um lado temos difficuldade em comprehender a absoluta necessidade do auxilio dos microbios para os pequenos, temos por outro plena confiança e grande esperança nas investigações dirigidas por um methodo que dá resultados tão brilhantes e tão inesperados.

A meteorologia nos Estados Unidos. — Esta sciencia está admiravelmente organizada para salvaguardar os interesses materiaes d'este paiz. O Signal Office de Washington conta mais de cem pessoas occupadas em receber e organizar os boletins que são transmitidos tres vezes ao dia por um milhão d'estações. Há tempos que estas approximações estão sendo feitas no territorio da União. Estes boletins encerram as indicações do barometro, do thermometro, do anemometro, da pluviosidade e o estado do céu, das águas dos rios. Quando o paiz parece ameaçado por tempestades ou inundações, os bul-

lins são transmitidos de hora em hora. O Signal Office abre todos estes documentos e manda diariamente a cada estação (mesmo muitas vezes por dia se ha urgencia) a probabilidade do tempo. O serviço está de tal modo regulado que os jornaes diarios reproduzem estas indicações de summa importancia para os agricultores. Por outro lado, os portos e os navios tem signaes de aviso genes e locais tão bem organizados que os navios pedem, recebem e communicam-se os avisos das estações semaphoricas.

O rei Cotton (King Cotton), está protegido por um cordão de mais de cem estações encarregadas de prevenir as cheias dos immensos rios que banham o territorio da União. A Louisiana protege assim as suas plantações de cana de assucar, e a Florida as florestas de laranjeiras.

Os excellentes resultados obtidos na costa do Atlantico levaram os habitantes das margens do Pacifico a organizar um serviço analogo, e o Signal Office de San Francisco menos importante do que o de Washington tende a imitar os seus bons resultados.

BALLAS COM INVOLUCRO DE AÇO OU COBRE. — A medida que o calibre das armas portatilis vai diminuindo, é-se obrigado a dar ás ballas uma velocidade de rotação cada vez maior afim de manter o eixo do projectil em coincidência com a trajectoria que elle descreve no ar; é preciso por consequencia diminuir o passo da hélice segundo a qual o cano é raisedo. Mas, na pratica, a malleabilidade do chumbo oppõe-se a que se desça abaixo de um certo limite. Pedacos de metal separam-se da balla e soldam-se aos raios, deteriorando a arma e occasionando tiros anormaes.

A casa Lorenz, de Carlsruhe, procurou desembaraçar-se d'estes inconvenientes construindo projecteis mudados de involucros de um metal mais duro do que o chumbo. As primeiras experiencias foram feitas com ballas envolvidas em cobre.

Em um primeiro typo o chumbo era simplesmente fundido no seu involucro de cobre; em um segundo o involucro era fixado ao chumbo pela prensa hydraulica. Os resultados assim obtidos eram satisfactorios, mas o processo é dispendioso e procurou-se então substituir o cobre pelo aço.

O processo empregado pela casa Lorenz é o seguinte:

A balla compõe-se de duas partes: um involucro de aço e um nucleo.

O involucro de aço previamente limpo por um processo mecanico interiormente é forrado de uma camada de estanho pouco espessa, a qual se enche, a quente, com o metal do nucleo; em seguida deixa-se resfriar lentamente. Nos primeiros ensaios, este involucro de aço tinha uma espessura uniforme em toda a sua extensão; mas o emprego d'este projectil punha os canos de espingarda fora de serviço em pouco tempo.

No processo actual, o involucro de aço apresenta uma espessura de um milimetro e meio proximalmente na parte de onde sahiria o projectil, e no fundo onde não excide a de uma folha de papel. Na extremidade interior, o chumbo forma a superficie exterior do projectil; os gases da pólvora, exercendo a sua pressão fazem abrir o involucro que se amolda ás cavidades e saliências da hélice; o estanho torna-se bastante forte para determinar a rotação sem que se produzam arrancamentos no cano da espingarda.

Depois de outras modificações, foi possível extrair os projectis com uma espingarda de pequeno calibre sem que a minima deterioração tivesse lugar no interior do cano.

A ELECTRICIDADE APPLICADA A NAVGAÇÃO. — O

Yacht falla de novas embarcações postas em movimento pela electricidade e realisando progressos consideraveis. Os inglezes não empregam os accumuladores nas suas Clark's Electric Launches (chaloupa electrica de Clark), mas sim duplas baterias que occupam a decima parte do espaço necessário a accumuladores da mesma força. Além d'isso, uma vez carregadas, estas baterias funcionam durante horas consecutivas e a transmissão do movimento é das mais simples.

As dimensões d'estas embarcações são, a maior parte das vezes, de 6'40 de comprimento, 1'30 de largura e 0'60 de profundidade. O peso total é de 200 kilogrammas, 65 dos quaes pertencem ao motor electrico.

É a M. Trouvé que são devidas as primeiras tentativas de navegação electrica; como se sabe, empregava as baterias de pilhas de bichromato de potassa.

DUAS NOVAS LAMPADAS ELECTRICAS. — M. Feim inventou duas novas lampadas de arco nas quaes a marcha dos carvões é regulada quer por um solenoide collocado em derivação, quer pela acção differencial de dois solenoides combinados com um systema de rodas dentadas. Na primeira, uma mola em espiral tende constantemente a fazer subir um carvão, e a sua acção é regulada por um solenoide. Na segunda, a acção dos dois solenoides produz um afastamento regular dos dois carvões. Um commutador automatico funciona logo que uma d'estas lampadas é excluida do circuito.

O COMETA D'ENCKE. — O pequeno cometa d'Encke, cujo periodo é, como se sabe, o mais curto de todos os periodos cometaes conhecidos, e que volta de trez em trez annos, seguiu punctualmente o caminho celeste traçado pelo calculo e foi achado por M. Tempel no Observatorio d'Arcetri (Florença), a 13 de dezembro passado. Depois foi observado nos Observatorios de Paris por M. Bigourdan, de Alger por M. Trépied, de Nice por M. Perrotin, etc.

É extremamente fraco e a presenta-se sob o aspecto de uma nebulosidade pallida sem nucleo, de um minuto e meio de diametro approximadamente, muito difficil d'observar. Mas o seu brilho vai augmentar visto que se approxima ao mesmo tempo do sol e da terra com uma grande rapidez.

THEATROS DE PARIS

Pecas que actualmente se representam com maior successo.

Ópera. — Rigoletto.
Comedio. — Denise.
Ópera-Comique. — Diana.
Ódeon. — Henriette Marechal.
Gymnase. — Prince Zilah.
Vauvillle. — Clara Soleil.
Varietes. — Mam'zelle Gavroche.
Palais-Royal. — La Cugnotte.
Ferie-Saint-Martin. — Theodora.
Gaites. — Le Grand Mogol.
Bouffes-Parisiens. — Les Cent Vierges.
Ambigu. — L'homme de paille.
Chatelet. — La Poutte aux Yeux d'Or.
Ménestrel. — La Noivete.
Nouveautés. — La Vie mondaine.
Nouveau-Theatre. — Messalina, ballet.
Voltaire-Dramatique. — Rip.
Folies. — Trois femmes pour un mari.
Bouffes-Parisiens. — Jean Crivencin.
Dejazet. — La Réve de Mullou.
Châteaud'Yan. — Les Français au Tonkin.

AIR DE BALLET

SCHUBERT

Allegro moderato.

PIANO

The first system of the piano accompaniment, marked *PIANO* and *p*. It consists of five staves of music in 2/4 time, featuring a steady eighth-note bass line and a more active treble line with various melodic and harmonic patterns.

The vocal line, consisting of five staves of music. It begins with a treble clef and a key signature of one flat. The melody is characterized by flowing eighth and sixteenth notes, with various dynamic markings including *pp*, *ppp*, and *dimin.* (diminishing). The line concludes with a final cadence and a *Ped.* (pedal) marking.